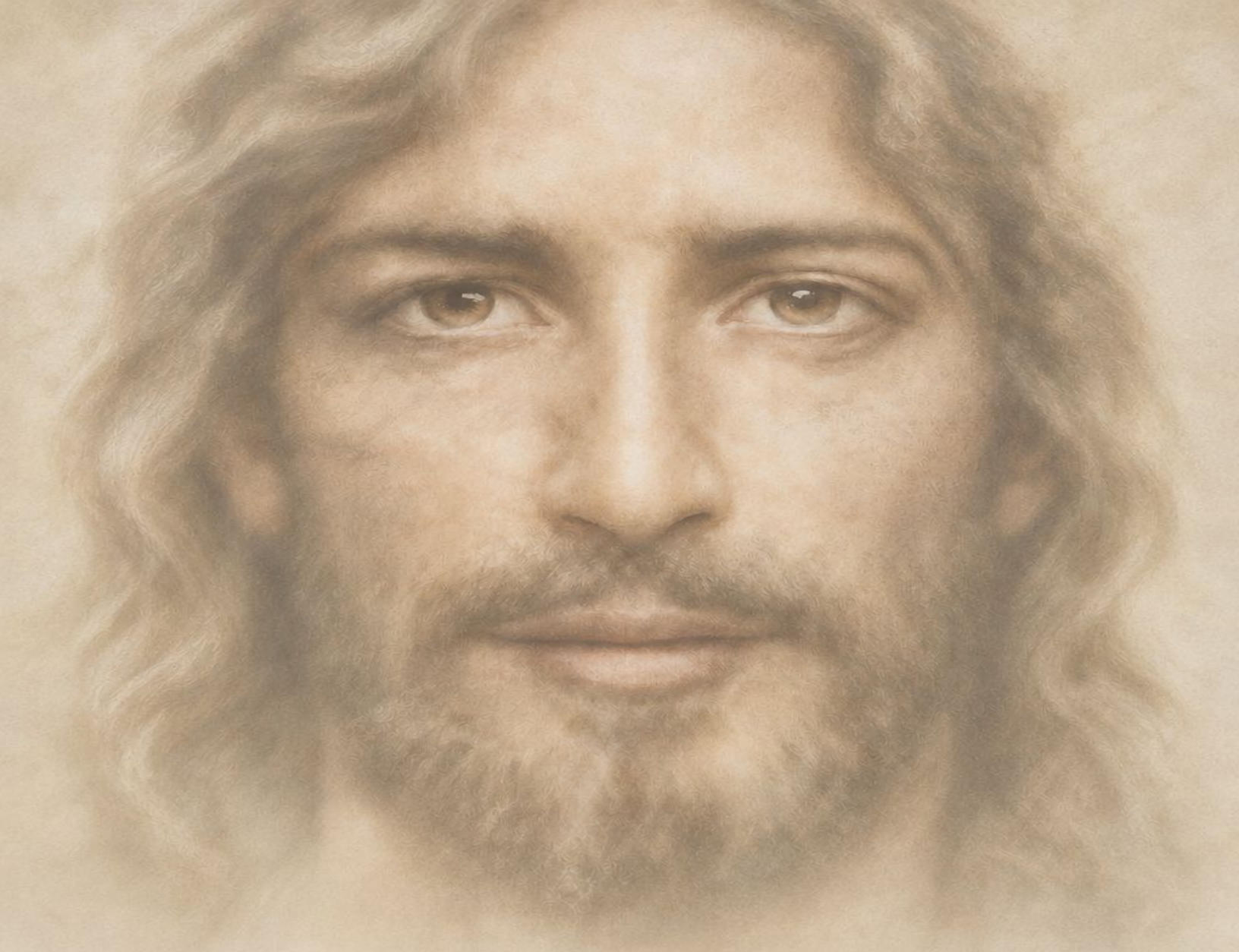


Quem dizeis que EU SOU?

César Augusto Franco
[Coord.]

QUEM DIZEIS QUE EU SOU?

Diversas histórias de um único encontro com Jesus Cristo

CÉSAR AUGUSTO FRANCO
[Coord.]

Tradução por IA (ChatGPT)
de *pastoraluniversitariamadrid.es*

ÍNDICE

Apresentação
Mons. César A. Franco

Quem dizeis que Eu sou?
José Luis Martín Descalzo

Primeiros encontros com Jesus
Alguns textos do Novo Testamento

Cristo continua a vir ao nosso encontro

Sob a mão de Deus
Paul Claudel

É esta a verdade!
Edith Stein

A partir do ateísmo e do «Deus frio dos filósofos»
Manuel García Morente

Deus existe. Eu encontrei-o
André Frossard

A partir do vazio de um mundo oficialmente ateu
Tatiana Goritcheva

O rei do aborto
Bernard Nathanson

Doutor, o meu filho tem um sintoma gravíssimo: descobri que vai à Missa
Vittorio Messori

APRESENTAÇÃO

Madrid, 24 de setembro de 1998

Querida amiga, querido amigo:

Esta é a seleção de textos que a Pastoral Universitária preparou para a missão que terá lugar nos vários Campus Universitários de Madrid, entre outubro e dezembro do ano letivo que agora começa.

Encontrarás primeiro alguns dos primeiros encontros com Jesus que a Sagrada Escritura nos relata e, depois, o testemunho de homens e mulheres do nosso tempo que também se encontraram com Jesus Cristo.

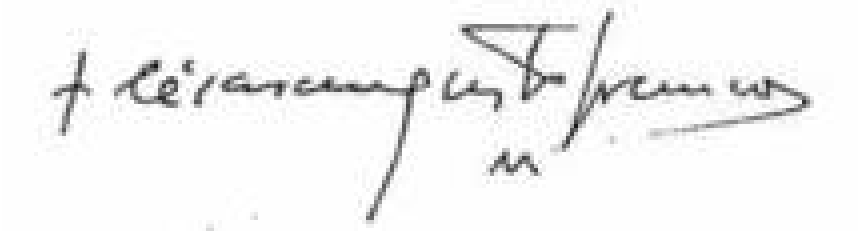
A terceira parte cabe-te a ti escrevê-la, com a tua vida.

Só posso assegurar-te que rezarei por ti para que O encontres, para que comeces a viver, se ainda não o fizeste, uma *história maravilhosa*: uma história com Cristo, que continua vivo hoje, nos torna irmãos e nos ensina a viver como filhos de Deus.

Já se sabe que o pior dos romances de verão é que costumam acabar em outubro… O pior dos bons filmes é que duram, quando muito, quatro horas… E assim se nos escapam das mãos tantas coisas…

Mas esta *história maravilhosa* que te proponho nunca acaba. E, se a começares, podes ser feliz, tu e os que te rodeiam, hoje, amanhã, daqui a trinta anos e, sem exagero, por toda a eternidade. Vais ver como te vai espantar a bondade de Deus!

Estás disposto a começar?



✠ *César Augusto Franco*
Bispo Auxiliar de Madrid

QUEM DIZEIS QUE EU SOU?

José Luis Martín Descalzo

Há dois mil anos, um homem fez esta pergunta a um grupo de amigos (Evangelho de São Marcos 8, 27). E a história ainda não acabou de lhe responder. Quem perguntava era apenas um homem da aldeia que falava a um grupo de pescadores. Nada fazia supor que se tratasse de alguém importante. Vestia-se com pobreza. Tanto ele como os que o rodeavam eram gente sem cultura, sem aquilo a que o mundo chama «cultura». Não tinham títulos nem apoios. Não tinham dinheiro nem possibilidades de o ganhar. Não dispunham de armas nem de poder algum. Eram todos jovens, pouco mais do que rapazes, e dois deles, um dos quais era precisamente o que fazia a pergunta, morreriam antes de passarem dois anos, da mais violenta das maneiras. Todos os outros acabariam, pouco depois, na cruz ou ao fio da espada. Desde o princípio eram odiados pelos poderosos, e sê-lo-iam sempre. Mas nem os pobres chegavam a compreender o que aquele homem e os seus doze amigos pregavam. Era, de facto, um incompreendido.

Os violentos achavam-no fraco e manso. Os guardiões da ordem, pelo contrário, julgavam-no violento e perigoso. Os homens cultos desprezavam-no e temiam-no. Os poderosos riam-se da sua loucura. Tinha dedicado toda a sua vida a Deus, mas os ministros oficiais da religião do seu povo viam nele um blasfemo e um inimigo do céu. Eram certamente muitos os que o seguiam pelos caminhos quando pregava, mas à maioria interessavam mais os gestos espantosos que fazia ou o pão que lhes distribuía do que todas as palavras que lhe saíam dos lábios. De facto, todos o abandonaram quando sobre a sua cabeça rugiu a tempestade da perseguição dos poderosos, e só a sua mãe e mais três ou quatro amigos o acompanharam na sua agonia.

Na tarde daquela sexta-feira, quando a laje de um sepulcro emprestado se fechou sobre o seu corpo, ninguém teria dado um cêntimo pela sua memória. Ninguém poderia ter suspeitado que a sua lembrança perduraria nalgum lugar fora do coração daquela pobre mulher, a sua mãe, que provavelmente mergulharia no silêncio do esquecimento, da noite e da solidão.

E… no entanto, vinte séculos depois, a história continua a girar em torno daquele homem. Os historiadores, mesmo os mais contrários a ele, continuam a dizer que tal acontecimento ou tal batalha ocorreu tantos ou quantos anos antes ou depois dele. Metade da humanidade, quando interrogada sobre as suas crenças, continua a usar o nome dele para se identificar. Dois mil anos depois da sua vida e da sua morte, continuam a escrever-se, todos os anos, mais de mil volumes sobre a sua pessoa e a sua doutrina. A sua história inspirou pelo menos metade de toda a arte que o mundo produziu desde que ele veio à terra. E todos os anos dezenas de milhares de homens e mulheres deixam tudo, a família, os costumes e talvez até a pátria, para o seguirem inteiramente, como aqueles doze primeiros amigos.

Quem, quem é este homem por quem tantos morreram, a quem tantos amaram até à loucura e em cujo nome se cometeram também, ai!, tantas violências? Há dois mil anos que o seu nome tem estado nos lábios de milhões de agonizantes como uma esperança e nos de milhares de mártires como um motivo de orgulho. Quantos foram presos e atormentados, quantos morreram só por se proclamarem seus seguidores! E também, ai!, quantos foram obrigados a acreditar nele sob ameaça de perderem a vida, quantos tiranos ergueram o seu nome como uma bandeira para justificar os seus interesses ou os seus dogmas pessoais! A sua doutrina, paradoxalmente, ateou o fogo no coração dos santos e nas fogueiras da Inquisição. Discípulos seus se chamaram os missionários que atravessaram o mundo só para anunciar o seu nome, e discípulos seus ousamos chamar-nos nós, que finalmente, imagine-se!, soubemos conciliar o seu amor com o dinheiro.

Quem é, pois, esta figura que parece suscitar a entrega total ou o ódio declarado, esta figura que atravessa a história de lado a lado como uma espada em chamas e cujo nome, ou a sua falsificação, produz frutos tão opostos, de amor ou de sangue, de loucura magnífica ou de vulgaridade? Quem é ele e que fizemos dele? Como usámos ou traímos a sua voz? Que sumo misterioso ou maldito extraímos das suas palavras? É fogo ou ópio? É bálsamo que cura, espada que fere ou morfina que adormece? Quem é? Quem é? Penso que quem ainda não respondeu a esta pergunta pode estar certo de que ainda não começou a viver. Gandhi escreveu uma vez: «Digo

aos hindus que a sua vida será imperfeita se não estudarem com respeito a vida de Jesus». E que pensar então dos cristãos, quantos, meu Deus!, que nada sabem dele, que dizem amá-lo, mas nunca o conheceram pessoalmente?

E é uma pergunta a que urge responder, porque, se ele é aquilo que disse de si mesmo, se ele é aquilo que os seus discípulos dizem dele, ser homem é algo muito diferente do que imaginamos, muito mais importante do que julgamos. Porque, se Deus foi homem, se se fez homem, toda a condição humana muda. Se, pelo contrário, ele tivesse sido um impostor ou um louco, metade da humanidade estaria a desperdiçar metade da sua vida.

Conhecê-lo não é uma questão de curiosidade. É muito mais do que um fenómeno cultural. É algo que põe em jogo a nossa existência. Porque com Jesus não acontece o mesmo que com outras figuras da história. Que César tenha atravessado o Rubicão ou não, é algo que pode ser verdade ou mentira, mas que em nada muda o sentido da minha vida. Que Carlos V tenha sido imperador da Alemanha ou da Rússia nada tem que ver com a minha salvação como homem. Que Napoleão tenha morrido derrotado em Elba ou tenha chegado ao fim dos seus dias como imperador não levará hoje um único ser humano a deixar a sua casa, o seu conforto e o seu amor para ir falar dele numa pequena aldeia no coração de África.

Com Jesus é diferente. Jesus exige respostas absolutas. Afirma que o homem, se acreditar nele, salva a sua vida e, se o ignorar, perde-a. Este homem apresenta-se como o caminho, a verdade e a vida (João 14, 6). Portanto, se isto é verdade, o nosso caminho e a nossa vida mudam conforme a resposta que dermos à pergunta sobre quem ele é. E como responder sem o conhecer, sem nos acercarmos da sua história, sem contemplarmos o mais íntimo da sua alma, sem termos lido e relido as suas palavras?

J. L. Martín Descalzo:
Vida e mistério de Jesus de Nazaré.

PRIMEIROS ENCONTROS COM JESUS

Alguns textos do Novo Testamento

A vocação dos primeiros Apóstolos
(Evangelho de São João 1, 35-47)

No dia seguinte, João estava de novo ali com dois dos seus discípulos e, ao ver Jesus passar, disse: «Eis o Cordeiro de Deus». Ao ouvi-lo falar assim, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, vendo que o seguiam, perguntou-lhes: «Que procurais?». Eles disseram-lhe: «Rabi (que significa Mestre), onde moras?». Respondeu-lhes: «Vinde e vereis». Foram ver onde morava e ficaram com ele naquele dia. Era por volta da décima hora.

André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido João e seguido Jesus. Encontrou primeiro o seu irmão Simão e disse-lhe: «Encontrámos o Messias (que significa o Cristo)». E levou-o a Jesus. Jesus olhou para ele e disse-lhe: «Tu és Simão, filho de João. Hás de chamar-te Cefas (que significa Pedra)».

No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia e encontrou Filipe. Disse-lhe: «Segue-me». Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: «Encontrámos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e de quem escreveram os Profetas: Jesus de Nazaré, filho de José». Natanael perguntou-lhe então: «Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?». Filipe respondeu-lhe: «Vem e verás».

A conversão de Zaqueu
(Lucas 19, 1-10)

Jesus entrou em Jericó e atravessava a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, que era chefe dos publicanos e era rico. Procurava ver quem era Jesus, mas não podia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. Correu à frente e subiu a um sicómoro para o ver, pois Jesus havia de passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, porque hoje convém que eu fique em tua casa». Ele desceu à pressa e recebeu-o com alegria. Ao verem isto,

todos murmuravam: «Foi hospedar-se em casa de um pecador». Zaqueu pôs-se de pé e disse ao Senhor: «Senhor, darei metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em alguma coisa, devolver-lhe-ei quatro vezes mais». Jesus disse-lhe: «Hoje chegou a salvação a esta casa, porque também este homem é filho de Abraão, pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido».

A fé de Bartimeu
(Marcos 10, 46-52)

Quando Jesus saía de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, filho de Timeu, que era cego, estava sentado à beira do caminho a pedir esmola. Ao ouvir dizer que era Jesus de Nazaré, começou a gritar: «Jesus, Filho de David, tem compaixão de mim». Muitos repreendiam-no para que se calasse. Mas ele gritava ainda mais: «Filho de David, tem compaixão de mim». Jesus parou e disse: «Chamai-o». Chamaram o cego e disseram-lhe: «Coragem! Levanta-te, ele chama-te». Atirando de lado o manto, deu um salto e aproximou-se de Jesus. Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?». O cego respondeu-lhe: «Rabuni, que eu veja». Então Jesus disse-lhe: «Vai, a tua fé te salvou». E imediatamente recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.

A cura de uma mulher
(Mateus 9, 20-22)

Nisto, uma mulher que sofria de hemorragias havia doze anos aproximou-se por detrás e tocou na orla do manto de Jesus. Dizia para consigo: «Basta tocar-lhe no manto para ficar curada». Jesus voltou-se e, olhando para ela, disse-lhe: «Tem confiança, filha, a tua fé te salvou». E, desde aquela hora, a mulher ficou curada.

>Uma mulher adúltera
(João 8, 1-11)

Jesus foi para o monte das Oliveiras. De manhã, voltou ao Templo, e todo o povo acorria a ele. Sentou-se então e começou a ensiná-los. Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Puseram-na no meio e disseram-lhe: «Mestre, esta mulher foi surpreendida

em flagrante adultério. Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar estas mulheres. Tu que dizes?». Diziam isto para o pôr à prova, a fim de terem de que o acusar. Jesus, porém, inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Como insistiam em interrogá-lo, endireitou-se e disse-lhes: «Quem de entre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra». E, inclinando-se de novo, continuou a escrever no chão. Ao ouvirem estas palavras, foram-se retirando um após outro, a começar pelos mais velhos. Jesus ficou só com a mulher, que continuava no meio. Endireitou-se e disse-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?». Ela respondeu: «Ninguém, Senhor». Jesus disse-lhe: «Também eu não te condeno. Vai e, daqui em diante, não voltes a pecar».

Um jovem rico que não se converte
(Marcos 10, 17-22)

Quando Jesus saía para se pôr a caminho, veio um homem a correr e, ajoelhando-se diante dele, perguntou-lhe: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?». Jesus disse-lhe: «Porque me chamas bom? Só Deus é bom. Já conheces os mandamentos: "Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra o teu pai e a tua mãe"». Ele disse-lhe: «Mestre, tenho cumprido tudo isto desde a minha adolescência». Jesus fixou nele o olhar, sentiu afeição por ele e disse-lhe: «Falta-te uma coisa: vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me». Mas ele, aflito com estas palavras, foi-se embora triste, porque tinha muitos bens.

Jesus e a samaritana
(João 4, 1-42)

Jesus deixou a Judeia e voltou para a Galileia. Tinha de passar pela Samaria. Chegou, pois, a uma cidade da Samaria chamada Sicar, junto do campo que Jacob dera ao seu filho José. Ali ficava o poço de Jacob. Jesus, cansado da viagem, sentara-se junto do poço. Era por volta da sexta hora.

Veio uma mulher da Samaria tirar água. Jesus disse-lhe: «Dá-me de beber». Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. A mulher samaritana disse-lhe então: «Como é que tu, sendo judeu, me pedes

de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?». É que os judeus não se dão com os samaritanos. Jesus respondeu-lhe: «Se conhecesses o dom de Deus e soubesses quem te diz “Dá-me de beber”, tu é que lhe terias pedido, e ele ter-te-ia dado água viva». A mulher disse-lhe: «Senhor, nem sequer tens com que tirar água, e o poço é fundo. De onde tiras, pois, a água viva? Serás tu maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço e dele bebeu, tal como os seus filhos e os seus rebanhos?».

Jesus respondeu: «Quem bebe desta água voltará a ter sede, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. A água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna». A mulher disse-lhe: «Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha sede nem tenha de vir aqui tirá-la». Jesus respondeu-lhe: «Vai chamar o teu marido e volta cá». A mulher respondeu: «Não tenho marido». Jesus disse-lhe: «Disseste bem que não tens marido, pois tiveste cinco e o que agora tens não é teu marido. Nisso disseste a verdade».

A mulher disse-lhe: «Senhor, vejo que és um profeta. Os nossos pais adoraram a Deus neste monte, e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar fica em Jerusalém». Jesus respondeu-lhe: «Acredita em mim, mulher: chega a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis. Nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas chega a hora, e é esta, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. É assim que o Pai quer que sejam os seus adoradores. Deus é espírito, e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade». A mulher disse-lhe: «Sei que há de vir o Messias, chamado Cristo. Quando vier, anunciar-nos-á todas as coisas». Jesus respondeu-lhe: «Sou eu, que estou a falar contigo».

Nisto chegaram os seus discípulos e admiraram-se de que estivesse a falar com uma mulher. Mas nenhum lhe perguntou: «Que procuras?» ou «De que falas com ela?». A mulher deixou o cântaro, foi à cidade e disse às pessoas: «Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não será ele o Cristo?». Saíram da cidade e foram ter com ele.

Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele pelo testemunho da mulher, que dizia: «Disse-me tudo o que fiz». Assim, quando os samaritanos chegaram junto dele, pediram-lhe que ficasse com eles. E ficou

ali dois dias. Então muitos mais acreditaram por causa da sua pregação. E diziam à mulher: «Já não é pela tua palavra que acreditamos. Nós próprios ouvimos e sabemos que ele é verdadeiramente o Salvador do mundo».

Uma mulher pecadora em casa de Simão
(Lucas 7, 36-50)

Um fariseu pediu a Jesus que comesse com ele. Jesus entrou em casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher conhecida como pecadora. Ao saber que Jesus estava a comer em casa do fariseu, levou um frasco de alabastro com perfume. Pôs-se atrás dele, junto dos seus pés, e começou a chorar. Molhava-lhe os pés com as lágrimas e enxugava-os com os cabelos. Beijava-lhe os pés e ungia-os com o perfume. Ao ver isto, o fariseu que o tinha convidado dizia para consigo: «Se este homem fosse profeta, saberia quem é e que espécie de mulher lhe está a tocar, pois é uma pecadora». Jesus respondeu-lhe: «Simão, tenho uma coisa para te dizer». Ele disse: «Diz, Mestre».

«Um credor tinha dois devedores. Um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tinham com que lhe pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?». Simão respondeu: «Suponho que aquele a quem mais perdoou». Jesus disse-lhe: «Julgaste bem». E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés. Ela, pelo contrário, molhou-me os pés com as lágrimas e enxugou-os com os cabelos. Não me deste um beijo. Ela, desde que entrou, não deixou de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo. Ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque mostrou muito amor. Aquele a quem pouco se perdoa mostra pouco amor». E disse-lhe a ela: «Os teus pecados estão perdoados». Os que estavam à mesa começaram a dizer para consigo: «Quem é este que até perdoa os pecados?». Mas Jesus disse à mulher: «A tua fé te salvou. Vai em paz».

Batismo de um etíope
(Atos dos Apóstolos 8, 26-39)

Um anjo do Senhor falou a Filipe e disse-lhe: «Levanta-te e vai para sul, pelo caminho que desce de Jerusalém para Gaza e que está deserto». Filipe

levantou-se e pôs-se a caminho. Ora, um homem da Etiópia, eunuco, dignitário de Candace, rainha dos etíopes, e responsável pelo seu tesouro, tinha vindo a Jerusalém adorar a Deus. Regressava sentado no seu carro e ia a ler o profeta Isaías. O Espírito disse então a Filipe: «Aproxima-te e vai ao lado daquele carro». Filipe apressou-se, ouviu-o ler o profeta Isaías e disse-lhe: «Entendes o que estás a ler?». Ele respondeu: «Como poderei entender, se ninguém mo explicar?». Pediu então a Filipe que subisse e se sentasse ao seu lado. A passagem da Escritura que ia a ler era esta: *Como ovelha foi levado ao matadouro, e, como cordeiro mudo diante de quem o tosquia, assim não abriu a boca. Na sua humilhação foi-lhe negada a justiça. Quem falará da sua descendência, se a sua vida é arrancada da terra?*

O eunuco disse a Filipe: «Peço-te que me digas de quem fala o profeta: de si mesmo ou de outra pessoa?». Então Filipe tomou a palavra e, começando por esta passagem, anunciou-lhe o Evangelho de Jesus. Enquanto seguiam pelo caminho, chegaram a um lugar onde havia água, e o eunuco disse-lhe: «Aqui há água. O que me impede de ser batizado?». Mandou parar o carro, e ambos, Filipe e o eunuco, desceram até à água. E Filipe batizou-o. Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe, e o eunuco deixou de o ver. E seguiu o seu caminho com alegria.

A conversão de São Paulo
(Atos 9, 1-22)

Saulo, que ainda respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, apresentou-se diante do sumo sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém os seguidores do Caminho que encontrasse, homens ou mulheres. Mas, quando ia a caminho e se aproximava de Damasco, de repente uma luz do céu envolveu-o no seu resplendor. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, porque me persegues?». Respondeu: «Quem és tu, Senhor?». E a voz disse: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Levanta-te, entra na cidade e lá te dirão o que hás de fazer».

Os homens que o acompanhavam pararam, espantados, pois ouviam a voz mas não viam ninguém. Saulo levantou-se do chão e, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Levaram-no então pela mão até Damasco, onde ficou três dias sem ver, sem comer nem beber.

Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias, a quem o Senhor falou numa visão: «Ananias!». Ele respondeu: «Aqui estou, Senhor». O Senhor disse-lhe: «Levanta-te e vai à rua chamada Direita. Procura em casa de Judas um homem de Tarso chamado Saulo, que está a rezar». Entretanto, Saulo viu numa visão um homem chamado Ananias entrar e impor-lhe as mãos para que recuperasse a vista. Ananias respondeu: «Senhor, ouvi dizer a muitos quanto mal este homem fez aos teus santos em Jerusalém e que tem aqui autoridade dos sumos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome». O Senhor disse-lhe: «Vai, porque este é o instrumento que escolhi para levar o meu nome diante dos gentios, dos reis e dos filhos de Israel. Eu lhe mostrarei quanto terá de sofrer por causa do meu nome».

Ananias foi, entrou na casa, impôs-lhe as mãos e disse: «Saulo, meu irmão, enviou-me o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo». No mesmo instante, caiu-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Levantou-se e foi batizado. Depois comeu alguma coisa e recuperou as forças.

Ficou alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco e logo começou a anunciar Jesus nas sinagogas, dizendo: «Este é o Filho de Deus». Todos os que o ouviam ficavam admirados e diziam: «Não é este o que perseguia em Jerusalém os que invocavam o seu nome? E não veio aqui para os levar presos aos sumos sacerdotes?». Saulo ganhava cada vez mais força e deixava perplexos os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Messias.

CRISTO CONTINUA A VIR AO NOSSO ENCONTRO

Seguem-se os testemunhos, as histórias de alguns homens e mulheres do século XX que se encontraram com Jesus Cristo.

O que aconteceu a estas pessoas?

Quem *tocou* o coração de Paul Claudel?

Como é que uma discípula de Husserl, Edith Stein, acaba por se tornar carmelita descalça e santa, canonizada pela Igreja? Que livro estava a ler quando ruíram todas as suas ideias feitas?

Porque é que García Morente, decano da Faculdade de Filosofia de Madrid, deixou de ser ateu e acabou por se tornar sacerdote? O que era aquilo a que chamava «o acontecimento extraordinário»?

Porque é que outra ateia, a soviética Tatiana Goritcheva, se converteu ao cristianismo aos 26 anos?

O que aconteceu a André Frossard entre as cinco e dez e as cinco e um quarto daquela tarde? E que diagnóstico lhe fez o médico socialista que o atendeu?

Como é possível que um médico como Nathanson, ateu convicto, que abriu a maior clínica de abortos do mundo ocidental e que chegou a abortar com as próprias mãos o seu próprio filho, se tenha tornado defensor da vida e, além disso, católico fervoroso?

E que doença tinha Vittorio Messori, jornalista conhecido no mundo inteiro, para deixar a mãe tão assustada?…

Ficam nas tuas mãos, amiga leitora ou amigo leitor, estas diversas histórias de um único encontro com Jesus Cristo, com a sua graça, com a sua Igreja, com os cristãos… com as pessoas que continuam a procurar a Verdade, livremente e com humildade, sem medo de se comprometerem.

SOB A MÃO DE DEUS

Paul Claudel

«O homem forma-se interiormente pelo exercício e forja-se, no contacto com o mundo exterior, pelos choques» (*Art poétique*). Estas palavras de Paul Claudel definem admiravelmente o que foi a essência da vida deste grande poeta e dramaturgo francês. Nelas fica traçado o seu percurso de vida, no que tem de essencial e de mais profundo. São palavras de um dos grandes poetas deste século e, por isso, servem de entrada a algo que foi intensamente vivido, ao mesmo tempo que o desenvolvem.

Claudel lutou ao longo da sua existência em busca da sua *verdadeira vida*, mas também foi a própria vida que o *golpeou*, encaminhando-o por veredas e cumes a que nunca teria chegado pelos seus próprios pés.

Nasceu em 1868. Licenciou-se em Direito e em Ciências Políticas e iniciou depois a carreira diplomática, representando brilhantemente o seu país em todo o mundo.

Filho de um funcionário e de uma camponesa, era o mais novo de uma família em que havia ainda duas irmãs. O ambiente em que cresceu marcou-o profundamente na infância e na adolescência. Recordaria sempre os primeiros anos com alguma amargura: o ambiente familiar, muito frio, levou-o a fechar-se em si mesmo e, por consequência, a iniciar-se na criação poética. Paul Claudel formou-se na solidão, que o marcaria para toda a vida.

Também o ambiente da França da sua época, profundamente impregnado pela exaltação do materialismo e pela fé na ciência, teria uma forte influência no seu espírito. As leituras de Renan, de Zola… e, sobretudo, a passagem pelo liceu Louis-le-Grand e o facto de ter presenciado a morte do avô criaram nele um estado de angústia em que a única certeza era a de que, para lá da morte, nada havia. Mergulhou então no pessimismo e na revolta.

No meio daquele ar rarefeito e daquela falta de horizontes, o jovem Claudel sufocava, e a sua inquietação impedia-o de se resignar a morrer por

dentro. Procurava desesperadamente ar para respirar e encontrava algum na música de Beethoven e de Wagner, na poesia de Ésquilo, Shakespeare e Baudelaire. E, de repente, surgiu a luz de Arthur Rimbaud: «Recordarei sempre aquela manhã de junho de 1886 em que comprei o número da *La Vogue* que trazia o início de *As iluminações*. Foi para mim uma verdadeira iluminação. Saía finalmente daquele mundo horrível de Taine, de Renan e dos restantes Moloques do século XIX, daquela prisão, daquela mecânica espantosa, inteiramente governada por leis perfeitamente inflexíveis e, para cúmulo dos horrores, que se podiam conhecer e ensinar. (Os autómatos sempre me causaram uma espécie de horror histérico.) Revelava-se-me o sobrenatural!» (J. Rivière e P. Claudel, Correspondance (1907-1914), p. 142).

Foi o encontro com um espírito irmão do seu, que lhe abria imensas perspetivas para a sua vida mais profunda e pessoal, até então desconhecidas. Mas o habitual sentimento de sufoco e de desespero continuou inalterado.

E, nesse mesmo ano, deu-se o acontecimento decisivo da sua vida: o Natal de 1886. Vinte e sete anos depois, ele próprio contaria o que aconteceu: «Era assim o jovem desgraçado que, a 25 de dezembro de 1886, foi a Notre-Dame de Paris assistir aos ofícios de Natal. Estava então a começar a escrever e parecia-me que nas cerimónias católicas, vistas com um diletantismo de quem se julga superior, encontraria um estímulo adequado e matéria para alguns exercícios decadentes. Com esta disposição de espírito, apertado e empurrado pela multidão, assisti, com escasso prazer, à Missa solene. Depois, como não tinha mais nada que fazer, voltei para as Vésperas. Os meninos do coro, vestidos de branco, e os alunos do pequeno seminário de Saint-Nicholas-du-Cardonet, que os acompanhavam, cantavam o que vim a saber mais tarde ser o *Magnificat*. Eu estava de pé no meio da multidão, junto do segundo pilar à entrada do coro, à direita, do lado da sacristia.

Foi então que se deu o acontecimento que dominou toda a minha vida. Num instante, o meu coração foi tocado e *acreditei*. Acreditei com uma adesão tão forte, com tal comoção de todo o meu ser, com uma convicção tão firme, com uma certeza que não deixava lugar a dúvida alguma, que,

depois disso, todos os livros, todos os raciocínios e todas as vicissitudes da minha vida agitada foram incapazes de abalar a minha fé ou sequer, para dizer a verdade, de lhe tocar. De repente, senti de modo dilacerante a inocência, a eterna infância de Deus, numa revelação verdadeiramente inefável. Ao tentar, como tantas vezes fiz, reconstituir os minutos que se seguiram a esse instante extraordinário, encontro estes pensamentos que, no entanto, formavam um único clarão, uma única arma de que a divina Providência se servia para finalmente alcançar e abrir o coração de um pobre menino desesperado: “Como é feliz quem acredita! E se fosse verdade? É verdade! Deus existe, está ali! É alguém, é um ser tão pessoal como eu! Ama-me! Chama-me!”. As lágrimas e os soluços assaltaram-me, e o canto tão terno do *Adeste* aumentava a minha emoção.

Doce emoção, à qual, no entanto, se misturava um sentimento de medo e quase de horror, pois as minhas convicções filosóficas permaneciam intactas! Deus tinha-as deixado desdenhosamente onde estavam, e eu não via como pudesse mudá-las em nada. A religião católica continuava a parecer-me o mesmo tesouro de histórias absurdas. Os seus sacerdotes e fiéis inspiravam-me a mesma aversão, que chegava ao ódio e até ao nojo. O edifício das minhas opiniões e dos meus conhecimentos continuava de pé, e eu não lhe encontrava defeito algum. O que tinha acontecido era simplesmente que eu saíra dele. Um ser novo e formidável tinha-se revelado, com exigências terríveis para o jovem e o artista que eu era, e eu sentia-me incapaz de me pôr de acordo com fosse o que fosse à minha volta. A única comparação que consigo encontrar para exprimir o estado de completa desordem em que me encontrava é a de um homem a quem tivessem arrancado a pele de um só puxão para a pôr noutro corpo, estranho, no meio de um mundo desconhecido. Aquilo que mais repugnava às minhas opiniões e aos meus gostos revelava-se, no entanto, verdadeiro, e eu teria de me ajustar a isso, de bom ou mau grado. Ah! Ao menos não seria sem eu procurar opor toda a resistência possível!

Esta resistência durou quatro anos. Atrevo-me a dizer que me defendi com coragem. E a luta foi leal e levada até ao fim. Nada ficou por tentar. Usei todos os meios de resistência imagináveis e tive de abandonar, uma após outra, as armas que de nada me serviam. Foi esta a grande crise da minha existência, essa agonia do pensamento sobre a qual Arthur Rimbaud

escreveu: “O combate espiritual é tão brutal como as batalhas entre os homens. Dura noite!”. Os jovens que abandonam tão facilmente a fé não sabem quanto custa reencontrá-la nem à custa de que tormentos. O pensamento do inferno e também o de todas as belezas e alegrias a que teria de renunciar, assim pensava eu, se voltasse à verdade, faziam-me recuar perante tudo.

Mas, enfim, na própria noite daquele memorável dia de Natal, depois de voltar para casa pelas ruas chuvosas que agora me pareciam tão estranhas, peguei numa Bíblia protestante que uma amiga alemã oferecera, em tempos, à minha irmã Camille. Pela primeira vez ouvi o acento daquela voz tão doce e, ao mesmo tempo, tão inflexível da Sagrada Escritura, que nunca mais deixou de ressoar no meu coração. Só conhecia a história de Jesus através de Renan e, confiando na palavra daquele impostor, ignorava mesmo que Jesus se tivesse declarado Filho de Deus. Cada palavra, cada linha desmentia, com uma simplicidade majestosa, as afirmações descaradas do apóstata e abria-me os olhos. Sim, reconhecia-o com o centurião: Jesus era o Filho de Deus. Era a mim, a Paul, de entre todos, que ele se dirigia e prometia o seu amor. Mas, ao mesmo tempo, se eu não o seguisse, não me deixava outra alternativa senão a condenação. Ah! Ninguém precisava de me explicar o que era o Inferno, pois nele passara eu a minha “temporada”. Aquelas poucas horas bastaram para me ensinar que o Inferno está onde Jesus Cristo não está. E que me importava o resto do mundo depois de se me ter revelado aquele ser novo e prodigioso?» («Ma conversion», pp. 10-13).

Uma carta de 1904 a Gabriel Frizeau mostra que a recordação daquele instante de Natal já então se tinha fixado: «Assistia às Vésperas em Notre-Dame e, ao ouvir o *Magnificat*, tive a revelação de um Deus que me estendia os braços».

«Assim falava em mim o homem novo. Mas o velho resistia com todas as suas forças e não queria entregar-se à vida nova que se abria diante dele. Devo confessá-lo? O que mais me impedia de manifestar a minha convicção era o respeito humano. A ideia de revelar a todos a minha conversão, de a contar aos meus pais… de me apresentar como um daqueles católicos tão ridicularizados, fazia-me suar frio. E, naquele momento, até a

violência que me tinham feito me revoltava. Mas sentia sobre mim uma mão firme.

Não conhecia um único sacerdote. Não tinha um único amigo católico. (…) Mas o grande livro que se abriu diante de mim e em que fiz os meus estudos foi a Igreja. Seja eternamente louvada esta Mãe grande e majestosa, em cujo regaço aprendi tudo!».

Paul-André Lesort:
Claudel visto por si mesmo.

É ESTA A VERDADE!

Edith Stein

Sua Santidade João Paulo II canonizou, a 11 de outubro de 1998, aquela que, havia já alguns anos, era a Beata Edith Stein. Edith nasceu em 1891, numa família judia, em Breslau, então cidade alemã e hoje polaca, com o nome de Wrocław. Era a mais nova de uma família numerosa e perdeu repentinamente o pai apenas dois anos depois. A mãe assumiu com firmeza a direção do negócio familiar de madeiras e a educação dos filhos.

A mãe incutiu nos filhos elevados princípios morais: Edith aprendeu algumas virtudes que nunca perderia, como a sinceridade, o gosto pelo trabalho, o espírito de sacrifício e a lealdade… Embora tivesse sido educada num ambiente claramente judeu, a sua fé era bastante superficial. Aos dez anos soube da morte de um tio muito querido e acabou por descobrir a causa: suicidara-se depois de o seu negócio ter ido à falência. Foi ao funeral. «O rabino começou a oração fúnebre. Eu já tinha ouvido outras orações fúnebres. Eram um resumo da vida do falecido, em que se realçava tudo o que fizera de bom durante a vida, reavivando a dor dos familiares sem lhes trazer consolo algum. Por fim, com voz solene e empostada, o rabino disse: “Se o corpo se transforma em pó, o espírito volta para Deus, que lho deu”. Mas, por detrás de tudo isto, não havia fé na sobrevivência da pessoa nem num reencontro depois da morte.

Tive uma impressão completamente diferente quando, muitos anos depois, participei pela primeira vez numa cerimónia fúnebre católica. Tratava-se do enterro de um sábio famoso. Mas na oração fúnebre nada se disse dos seus méritos nem do apelido que usara no mundo. Simplesmente se recomendava a sua pobre alma à Misericórdia de Deus, chamando-o pelo nome próprio. Como eram consoladoras e serenas as palavras da liturgia que acompanhavam os mortos até à eternidade!». Edith soube de muitos outros suicídios. Aconteciam quando ruíam as esperanças terrenas de pessoas que até então pareciam cheias de amor à vida.

As virtudes aprendidas em casa e uma inteligência profunda e viva fizeram Edith progredir no meio académico, apesar dos preconceitos contra

as mulheres e os judeus naquela Alemanha rígida. Distinguiu-se na escola e foi estudar filosofia em Göttingen. Aí conheceu Husserl e, como tantos outros, ficou deslumbrada com a nova fenomenologia. «As Investigações lógicas (de Husserl) tinham impressionado sobretudo por representarem um abandono radical do idealismo crítico kantiano e do idealismo de feição neokantiana. Considerava-se a obra uma "nova escolástica". (…) Todos os jovens fenomenólogos eram realistas convictos». Edith procurava a verdade na filosofia. Ao mesmo tempo, porém, um trabalho intenso absorvia-a e não lhe deixava tempo para pensar noutras coisas. De facto, não tinha fé.

Deus preparava-lhe a inteligência, mas preparava-a também noutras dimensões da vida que lhe permitiriam descobri-lo, entre elas o contacto com a dor. Em 1914, a guerra irrompeu de repente. Muitos amigos de Edith foram para a frente de combate. Ela não podia ficar sem fazer nada e ofereceu-se como enfermeira voluntária. Mandaram-na para um hospital austríaco. Cuidou de soldados com tifo, feridas e outras doenças. O contacto com a morte impressionou-a. Depois de ver morrer um dos primeiros, «ao arrumar as poucas coisas que o falecido tinha, reparei num pequeno bilhete na sua agenda. Era uma oração a pedir que lhe fosse conservada a vida. A mulher dele tinha-lha dado. Isto partiu-me a alma. Naquele preciso momento, compreendi o que significava, humanamente, aquela morte. Mas eu não podia ficar ali». Depois de cumpridas as formalidades necessárias, voltou a refugiar-se numa atividade incessante. Edith recebeu a Medalha de Valor pelo seu trabalho no hospital.

Depois de deixar o hospital, seguiu Husserl para Friburgo e trabalhou como sua assistente. Ordenou e reuniu os trabalhos do mestre, mas, como não via um futuro claro naquele posto, decidiu deixar Husserl e tentar obter uma cátedra universitária. Por ser mulher, não o conseguiu e teve de se contentar com a direção de um colégio particular.

Algumas conversões de amigos e algumas manifestações de fé a que assistira tinham impressionado Edith. Começou a ler obras sobre o cristianismo e o Novo Testamento. Um dia, em casa de uns amigos convertidos, pegou num livro ao acaso. Era a autobiografia de Santa Teresa de Jesus, *A Vida*. A leitura absorveu-a por completo. Quando chegou ao fim, profundamente comovida, exclamou: «É esta a verdade!». Comprou

imediatamente um catecismo e um missal. Pouco depois, apresentou-se na paróquia mais próxima e pediu que a batizassem de imediato. Mostrou conhecer bem a fé, mas ainda havia algumas formalidades a cumprir. Foi batizada a 1 de janeiro de 1922, com o nome de Teresa Edwig.

O mais difícil que esperava a recém-convertida era contar à família. Edith era um orgulho para a mãe. Por isso mesmo, a mãe desabou e rompeu em lágrimas quando a filha se inclinou sobre o seu regaço e lhe disse: «Mãe, sou católica». Edith consolou-a como pôde e chegou mesmo a acompanhá-la à sinagoga. A mãe não recuperou do golpe, que considerava uma traição, embora, ao ver a filha, tivesse de admitir: «Ainda não vi ninguém rezar como a Edith».

Custou ainda mais à família aceitar a decisão de Edith de se tornar carmelita descalça. Era uma decisão que vinha a amadurecer havia anos e que se concretizou em 1934. Em abril de 1935, professou os votos em Colónia. Tornou-se Irmã Benedita da Cruz.

Enquanto tudo isto acontecia, o ambiente na Alemanha tornava-se cada vez mais hostil aos judeus, desde a chegada de Hitler ao poder em 1933. Em 1939, as suas irmãs do Carmelo de Colónia decidiram que seria prudente ela sair da Alemanha. Edith transferiu-se então para o convento de Echt, na Holanda.

Na primavera de 1940, a Holanda foi ocupada pelos nazis. No início de 1942, nos arredores de Berlim, decidiu-se a «solução final»: o extermínio planeado dos judeus. Alguns meses mais tarde, a hierarquia católica holandesa escreveu ao comissário do Reich, Seyss-Inquart, em protesto contra o tratamento humilhante dado aos judeus. Também se ouviram protestos nos púlpitos, como o do bispo de Utrecht. As SS alemãs reagiram com represálias, entre as quais a detenção de católicos de origem judaica. Em agosto de 1942, apareceram no convento de Echt à procura de Edith Stein e da sua irmã Rosa, que ali se tinha refugiado. Passados poucos dias, as duas saíram da Holanda com destino desconhecido. Pouco se sabe do que aconteceu a partir desse momento, mas os testemunhos são unânimes quanto à serenidade e à entrega exemplar de Edith.

Mais tarde, soube-se qual fora o destino final de Edith Stein: as câmaras de gás de Auschwitz. Ali, a 9 de agosto de 1942, entregou santamente a sua alma ao Senhor.

Estrelas amarelas,
autobiografia de Edith Stein.

A PARTIR DO ATEÍSMO E DO «DEUS FRIO DOS FILÓSOFOS»

Manuel García Morente<

O nome de García Morente é bem conhecido no meio universitário espanhol. Era professor catedrático de Ética na Universidade de Madrid, então chamada «Universidade Central», e uma das figuras mais prestigiadas da filosofia em Espanha. Quando a guerra deflagrou em Espanha, em julho de 1936, era decano da sua Faculdade. Aparentemente, o seu perfil não lhe dava motivos para temer fosse o que fosse da República espanhola. Era publicamente conhecido como ateu. De facto, pouco depois da morte da mãe, quando ainda era adolescente, deixou de ir à igreja. Já então dizia que não acreditava.

Estudou em França e licenciou-se na Sorbonne, onde foi discípulo de Bergson e de Lévy-Bruhl. Em filosofia, a sua maior influência vinha do kantismo, como sucedia em Espanha com muitos dos que tinham passado pela Instituição Livre de Ensino, alguns dos quais ocupavam cargos importantes na jovem República. Era apolítico e, quando muito, as suas ideias a esse respeito podiam ter alguma afinidade com as de Ortega y Gasset, com quem partilhava muitos pontos de vista e uma estreita amizade. E, no entanto…

Mal passara um mês e meio desde o início da guerra, deu-se a reviravolta. A 28 de agosto de 1936, recebeu um telefonema: o seu genro tinha morrido. «Recebi a notícia da sua morte quando estava na Universidade, no ato de passar ao meu sucessor, o senhor Besteiro, o cargo de decano, de que o Governo republicano me tinha destituído. Telefonaram-me de casa a comunicar o falecimento do meu genro. Compreendi logo que tinha sido assassinado. A notícia abalou-me de tal maneira que desmaiei e caí no chão. Quando voltei a mim, pedi ao senhor Besteiro que usasse toda a sua influência para conseguir que a minha filha e os meus netos fossem levados depressa e em segurança de Toledo para Madrid.» Besteiro, que era um cavalheiro, acedeu ao pedido e conseguiu trazê-los.

O «crime» do genro era pertencer à Adoração Noturna. Seguiram-se dias de medo, com buscas e detenções entre os vizinhos. «Nestas

circunstâncias, a 26 de setembro, menos de um mês depois do assassinato do meu genro, recebi, de manhã cedo, um aviso estritamente confidencial. Era urgente sair de casa e, se possível, de Espanha, pois certas pessoas descontentes com a minha gestão à frente da Faculdade de Filosofia e Letras tinham decidido matar-me, como era frequente naqueles tempos.» Como costuma acontecer nas guerras civis, as rivalidades pessoais misturam-se com as políticas.

Teve de fugir à pressa para Barcelona e, de lá, para Paris. Começou assim um período de angústia. «Cheguei, pois, a Paris sem dinheiro, com a alma trespassada de angústia e de dor, e ainda corroída por preocupações de ordem moral. Teria feito bem em deixar a minha casa e as minhas filhas (era viúvo desde 1923) e pôr-me egoistamente a salvo?» Era evidente que não lhe restara outra opção senão fugir, mas ficava a dúvida, um sentimento de impotência que nunca experimentara e a humilhação de não poder acudir às necessidades dos seus, nem sequer às próprias. Tinha de viver da generosidade de alguns amigos.

«Assim, em Paris», recorda, «a insónia era o estado quase habitual das minhas noites tão tristes.» Matutava sobre a família e sobre o que lhe aconteceria, mas começava também a ver-se de maneira diferente: «Por vezes, revia também na memória todo o curso da minha vida. Via como era infundada aquela espécie de satisfação sonolenta que até então sentira comigo mesmo. Dava-me dolorosamente conta da inquietação incurável e da instabilidade espiritual em que, dia após dia, o meu desassossego fora crescendo.»

Não ficou de braços cruzados. Fez diligências para tentar tirar a família de Espanha, primeiro junto da embaixada britânica, depois junto da Cruz Vermelha. Foram infrutíferas. Além disso, ele próprio não estava muito seguro. Que poderia oferecer-lhes se chegassem? Foi então que teve um primeiro golpe de sorte. Uma editora contactou-o para lhe pedir que preparasse um dicionário atualizado de espanhol-francês. Alguém se tinha lembrado dele.

Contudo, a principal causa da sua angústia continuava a ser a família. A ideia de Deus veio-lhe pela primeira vez à cabeça. Seria um castigo de Deus? «Da primeira vez que a ideia de um “castigo de Deus” me passou

pela cabeça, foi coisa fugaz e passageira, a que não dei atenção. Mas, à noite, a mesma ideia voltou com tal clareza e insistência que tive de lhe prestar mais atenção. Foi, porém, para a olhar, por assim dizer, com desprezo e rejeitá-la num gesto de irritação, de orgulho intelectual e de soberba humana. "Não sejas idiota", disse para comigo. E o pensamento despejou logo sobre aquela pobre ideiazinha, tão humilde e boa, um monte de representações filosóficas, científicas, etc., que a sufocaram à nascença.»

De repente, surgiu um raio de esperança, também ele inesperado. Numa visita ao amigo Ortega y Gasset, encontrou-lhe em casa um homem cujo filho era secretário de Negrín, então ministro das Finanças da República. Ao saber da preocupação de García Morente, ofereceu-se para fazer diligências por intermédio do filho. O professor ficou-lhe grato, mas ficou também desconcertado. «Fiquei pasmado. Tudo o que me estava a acontecer tinha algo de verdadeiramente estranho e incompreensível. À minha volta ou, melhor dizendo, acima de mim e independentemente de mim, ia-se tecendo, *sem a mais pequena intervenção da minha parte*, toda a minha vida.»

Nada do que tentava resultava. Nada do que resultava tinha sido tentado ou previsto por ele. «Eu permanecia inteiramente passivo, sem saber nada de tudo o que *me acontecia*. Dir-se-ia que algum poder desconhecido, senhor absoluto do que acontece aos homens, dispunha, *sem mim*, de tudo o que era *meu*. (…) Pela terceira vez, a ideia da *Providência* cravou-se-me no espírito. Pela terceira vez, porém, rejeitei-a com teimosia e soberba. Mas também com um vago sentimento de angústia e confusão. Era demasiado evidente que, por mim próprio, nada podia e que tudo o que me acontecia, de bom e de mau, tinha origem e impulso num poder muito diferente e muito superior. Ainda assim, refugiava-me na ideia cósmica do determinismo universal. E, quando me ocorreu timidamente a ideia de *pedir*, de pedir a Deus, isto é, de rezar, de orar, o que era, sem dúvida, a atitude mais lógica e coerente com tudo o que me estava a acontecer, também a rejeitei como uma infantilidade absurda.»

As diligências começaram por dar bons resultados… mas acabaram num novo impasse. Em abril de 1937, a família conseguiu sair de Madrid… mas não de Espanha. Instalaram-se em Barcelona, onde estavam, sem

dúvida, melhor do que em Madrid e tinham parentes que os acolheram. Mas havia alguém que não queria que as filhas e as netas saíssem da Espanha republicana. Via-as como reféns, uma garantia de que García Morente não se envolveria em atividades contra a República, coisa que nunca lhe passara pela cabeça. Voltou a ir-se abaixo: «Sozinho em Paris, no oitavo andar da casa do boulevard Sérurier, não tinha outra saída senão esperar, angustiado, que rebentassem os acontecimentos que, sozinhos, por si sós, se concertavam ou desconcertavam acima da minha cabeça.

Aquelas noites foram atrozes. "Que está a fazer de mim", pensava, "Deus, a Providência, a Natureza, o Cosmos, o que quer que seja?" A impotência, a ignorância, uma noite sombria à minha volta e nada, absolutamente nada, senão esperar pela sentença dos acontecimentos. Esperar! E como esperar sem saber? Que esperança é essa que não sabe o que espera? Uma esperança que não sabe o que espera é, propriamente… o desespero.»

No seu desespero, dava voltas e mais voltas à sua situação e ao próprio sentido da vida. «Quem é esse algo distinto de mim que faz a minha vida em mim e ma oferece? É claro que me veio logo à mente a ideia de Deus. Mas logo também me terá aflorado aos lábios o sorriso irónico da soberba intelectual. "Ora", pensei, "Deus, se existe, não se ocupa de outra coisa senão de ser. Deixemo-nos de infantilidades." E, de facto, fiz interiormente o ato de rejeitar aquilo a que chamava infantilidades. Mas eis que as infantilidades teimavam em ficar e se recusavam a ser rejeitadas.» Tentou aplicar o rigor da filosofia, que era a sua profissão. Mas, para seu espanto, o coração e, pouco a pouco, a razão iam-se inclinando a favor de um Deus providente.

«Por um lado, a ideia de uma providência divina que faz a nossa vida, no-la dá e no-la atribui, estava já profundamente gravada no meu espírito. Por outro, só conseguia conceber essa Providência como supremamente inteligente, supremamente ativa, fonte de vida, da minha vida e de toda a vida, isto é, de todo o conjunto ou sistema de acontecimentos *cheios de sentido*. Ao chegar a esta conclusão, senti um grande consolo. E fiquei estupefacto ao dar-me conta disso. "Como é possível", pensei, "que a ideia dessa Providência sábia, poderosa, ativa e ordenadora, que acaba de me

desferir um golpe tão terrível, me sirva agora de consolo?" Não o entendia bem. Mas o facto era evidente. Sentia-me mais tranquilo, mais sereno e repousado. (Muito tempo depois, ao ler Santo Agostinho, descobri a verdadeira chave do enigma nesta frase: "Inquieto está o meu coração até que em Ti descanse.")» Mas porque lhe parecia tão cruel essa Providência?

Já mais tranquilo, «pensava em Deus, mas sempre no Deus do deísmo, no Deus da filosofia pura, nesse Deus intelectual em que se *pensa*, mas a quem não se reza. Deus humano, transcendente, inacessível, puro ser longínquo, simples termo do olhar intelectual.» Perante um Deus assim concebido, só cabe uma atitude: a resignação. Tentou resignar-se, mas sentiu primeiro a frieza, depois a revolta. «Na minha alma levantou-se uma espécie de protesto e creio, Deus me perdoe, que me veio à mente algo como uma blasfémia. Creio que acusei de cruel, indiferente, trocista e sarcástica essa Providência que se comprazia em sacudir a minha vida, em levá-la de um lado para o outro ao seu inexplicável capricho, em dar-lhe e atribuir-lhe acontecimentos e factos que eu não queria, que repudiava. Que posso esperar, pensava eu, de um Deus que assim se compraz em brincar comigo, que me alicia com a perspetiva de uma felicidade iminente para a fazer desaparecer no preciso momento em que eu estava prestes a tê-la nas mãos? (…) Não me submeto ao destino que Deus me quer dar. Não quero nada com Deus, com esse Deus inflexível, cruel, impiedoso.»

Nesse estado, ocorreu-lhe pensar no ato supremo de revolta, naquilo que lhe parecia a maior expressão de liberdade perante esse Deus senhor dos nossos destinos: o suicídio. «Mas, assim que me dei conta da conclusão a que tinha chegado, fiquei assustado comigo próprio. Não pela ideia do suicídio em si, que já noutras ocasiões me passara pela consciência, mas pela absoluta inutilidade de um ato assim, que não levava a nada, que nada resolvia.»

Estava num beco sem saída. Ligou o rádio. Música. Primeiro, César Franck, depois, Ravel. Seguiu-se *A infância de Jesus*, de Berlioz, bem cantada por um magnífico tenor:

«Algo requintado, suavíssimo, de uma delicadeza e ternura tais que ninguém o pode ouvir sem lágrimas nos olhos. (…) Quando terminou, desliguei o rádio para não perturbar a doce paz em que aquela música me

tinha mergulhado. E começaram a desfilar-me pela mente, sem que eu pudesse opor-lhes resistência, imagens da infância de Nosso Senhor Jesus Cristo. Vi-o, na imaginação, a caminhar pela mão da Santíssima Virgem ou sentado num banquinho, a olhar com os seus grandes olhos espantados para São José e para Maria. Continuei a imaginar outros episódios da vida do Senhor: o perdão que concede à mulher adúltera, Madalena a lavar e a enxugar os pés do Salvador, Jesus preso à coluna, o Cireneu a ajudar o Senhor a levar a Cruz, as santas mulheres ao pé da Cruz. (…) E os braços de Cristo cresciam, cresciam, e pareciam abraçar toda aquela humanidade sofredora e cobri-la com a imensidão do seu amor. E a Cruz subia, subia até ao céu e enchia todo o espaço, e atrás dela subiam muitos, muitos homens, mulheres e crianças. Subiam todos, ninguém ficava para trás. Só eu, pregado ao chão, via Cristo desaparecer nas alturas, rodeado pela multidão interminável dos que subiam com Ele. Só eu me via, naquela paisagem já deserta, de joelhos, com os olhos postos no alto, a ver desvanecerem-se os últimos resplendores daquela glória infinita que se afastava de mim.» Aquilo «teve um efeito fulminante na minha alma».

Foi, na verdade, a sua conversão. «E o que me tinha acontecido? A distância entre a minha pobre humanidade e esse Deus teórico da filosofia tinha-se revelado intransponível. Demasiado distante, demasiado alheio, demasiado abstrato, demasiado geométrico e desumano. Mas Cristo, Deus feito homem, Cristo a sofrer como eu, mais do que eu, muito mais do que eu, esse sim, eu compreendo-o e Ele compreende-me. A esse, sim, posso entregar fielmente toda a minha vontade, depois de lhe entregar a vida. A esse, sim, posso pedir, porque sei ao certo que sabe o que é pedir e sei ao certo que dá e dará sempre, pois deu-se por inteiro a nós, os homens. A rezar, a rezar! E, de joelhos, comecei a balbuciar o Pai-Nosso. E, horror!, tinha-me esquecido dele!»

Continuou de joelhos, a rezar como podia. Lembrou-se de como a mãe o tinha ensinado a rezar, recompôs o Pai-Nosso e a Ave-Maria… e não conseguiu ir mais longe. Pouco importava. O certo é que «uma paz imensa se tinha apoderado da minha alma». Sentia-se outro homem, o «homem novo» de que falava São Paulo. Olhou pela janela e viu o que sempre via: Montmartre. Mas os seus olhos eram novos, e viu ali um sentido que antes não se lhe tinha revelado: *Mons Martyrum!*, o Monte dos Mártires. Viu os

mártires, que aceitavam *livremente* o supremo sacrifício. «Querer livremente o que Deus quiser! Eis o ponto mais alto da condição humana. “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.”»

Começavam a esboçar-se as primeiras conclusões e os primeiros propósitos do cristão Manuel García Morente. «A primeira coisa que farei amanhã será comprar um livro de devoção e um bom manual de doutrina cristã. Aprenderei as orações e instruir-me-ei o melhor que puder nas verdades dogmáticas, procurando recebê-las com a inocência de uma criança, ou seja, sem as discutir nem as pesar por agora. Terei tempo de sobra, quando a minha fé for sólida e robusta e estiver acima de toda a vacilação, para reconstruir o meu castelo filosófico sobre novas bases. Comprarei também os Santos Evangelhos e uma vida de Jesus. Jesus, Jesus! Misericórdia! Uma figura branca, um sorriso, um gesto de amor, de perdão, de ternura universal. Jesus!»

Seguiu-se algo de extraordinário. Para fortalecer aquela fé acabada de renascer, Jesus Cristo quis ter para com ele uma atenção extraordinária: fazer-se presente de um modo misterioso, mas real, de um modo que os sentidos não podiam captar, mas que ele percebia. «Ele estava ali. Eu não o via, eu não o ouvia, eu não lhe tocava. Mas Ele estava ali. (…) E eu não podia ter a menor dúvida de que era Ele, pois percebia-o, embora sem qualquer sensação. Como é isto possível? Não sei.»

Durou um tempo impossível de medir e acabou, sem nunca mais se repetir. O necessário, e nada mais. Anos depois, encontrou algo semelhante na Vida de Santa Teresa.

Passados alguns dias, caiu o Governo em Espanha. Pouco depois, pôde reunir-se com a família em Paris e dar-lhe a boa notícia da sua conversão. Que alegria para uma família em que ele fora o único que não tinha fé!

Em maio de 1938, regressou a Espanha com a intenção de fazer os estudos preparatórios para o sacerdócio. Foi ordenado sacerdote em 1940.

Manuel García Morente.
***O acontecimento extraordinário*.**

DEUS EXISTE. EU ENCONTREI-O

André Frossard

André Frossard nasceu em França em 1915. O seu pai, Ludovic-Oscar Frossard, foi deputado e ministro durante a Terceira República e o primeiro secretário-geral do Partido Comunista Francês. Frossard foi, por isso, educado num ateísmo total. Encontrou a fé aos vinte anos, de um modo surpreendente, numa capela do Bairro Latino, onde entrou ateu e de onde saiu, minutos depois, «católico, apostólico e romano».

O ateísmo de André Frossard e a sua posterior e súbita conversão compreendem-se um pouco melhor olhando para a sua família, como ele próprio nos conta: «Éramos ateus perfeitos, daqueles que nem sequer se interrogam sobre o seu ateísmo. Os últimos militantes anticlericais, que ainda pregavam contra a religião nas reuniões públicas, pareciam-nos patéticos e um tanto ridículos, tal como nos pareceriam uns historiadores empenhados em refutar a história do Capuchinho Vermelho. O seu zelo apenas prolongava em vão um debate que a razão tinha encerrado havia muito tempo. Pois o ateísmo perfeito já não era o que negava a existência de Deus, mas aquele que nem sequer punha a questão. (…)

Deus não existia. A sua imagem, ou as imagens que evocam a sua existência, não figuravam em parte alguma da nossa casa. Ninguém nos falava d'Ele. (…) Não havia Deus. O céu estava vazio. A terra era uma combinação de elementos químicos, reunidos em formas caprichosas pelo jogo das atrações e repulsões naturais. Em breve nos revelaria os seus últimos segredos, entre os quais Deus de modo algum se encontrava.

É preciso dizer que eu não era batizado? Segundo o costume dos meios progressistas, os meus pais tinham decidido, de comum acordo, que eu escolheria a minha religião aos vinte anos, se, contra todas as expectativas razoáveis, achasse por bem ter alguma. Era uma decisão sem segundas intenções, com todas as aparências de imparcialidade. Aos vinte anos quer acreditar? Pois que acredite. Na verdade, é uma idade impaciente e tumultuosa, em que os que foram educados na fé costumam acabar por perdê-la antes de a reencontrarem, trinta ou quarenta anos mais tarde, como

quem reencontra uma amiga de infância… Os que não a receberam no berço têm poucas probabilidades de a encontrar ao entrar no quartel…

O meu pai era secretário-geral do partido socialista. Eu dormia no quarto que, durante o dia, lhe servia de escritório, em frente a um retrato de Karl Marx, por baixo de um retrato à pena de Jules Guesde (socialista que colaborou na redação do programa coletivista revolucionário) e de uma fotografia de Jaurès.

Karl Marx fascinava-me. Era um leão, uma esfinge, uma erupção solar. Karl Marx escapava ao tempo. Havia nele algo de indestrutível: a certeza, transformada em pedra, de que tinha razão. Aquele bloco de dialética compacta velava o meu sono de criança. (…)

O domingo era o dia do Senhor para os luteranos, que por vezes iam ao templo, e para os pietistas, que se reuniam em pequenos grupos sob o olhar incompreensivo dos outros. Para nós, era o dia da lavagem geral, na água corrente do ribeiro onde havia trutas, após a qual o meu avô me esfregava a cabeça com uma infusão de camomila…»

«No Natal, os sinos das aldeias vizinhas, que não encontravam eco entre nós, estendiam sobre os campos sem vida uma espécie de manto de cerimónia. Também nós vestíamos a roupa de domingo para não irmos a lado nenhum. (…) Almoçávamos na melhor sala, sobre a toalha branca dos dias especiais.

Mas nem o moscatel da Alsácia, nem a cerveja, nem a framboesa tornavam a família mais faladora. A refeição, mais rica do que de costume, e o abeto, com as suas fartas barbas de grinaldas prateadas, nada comemoravam. Era um Natal sem recordações religiosas, um Natal amnésico que celebrava a festa de ninguém.

Entre as pessoas de esquerda, a política era considerada a mais alta atividade do espírito, a mais bela das profissões, embora viesse depois da medicina. Foi também graças à política que os meus pais se conheceram. A minha mãe, de espírito curioso, tinha ouvido o meu pai falar de socialismo perante um auditório de operários, com o ardor dos seus vinte e cinco anos, uma inteligência combativa e uma voz admirável. Desde aquele dia, ela

seguiu-o de reunião em reunião, por amor ao socialismo, até à câmara municipal. Quando me contava essa história, eu não compreendia grande coisa. Para mim, os meus pais tinham sido desde sempre meus pais, e não imaginava que alguma vez pudessem não o ter sido. A honestidade e a decência natural da sua vida em comum tinham-me dado a ideia de que o casamento era algo que não se podia desfazer e que, por não ter fim, também não tivera princípio.

A minha mãe apregoava e vendia o jornal da Federação Socialista, inteiramente redigido pelo meu pai, então professor destituído por atividades revolucionárias e reduzido à miséria. Mas a política preenchia-lhe a vida. (…)

Rejeitávamos tudo o que viesse do catolicismo, com uma notável exceção para a pessoa humana de Jesus Cristo, por quem os veteranos do partido conservavam, com bastante reserva, diga-se, uma espécie de sentimento de origem moral e de destino poético. Não éramos dos seus, mas ele poderia ter sido dos nossos pelo seu amor aos pobres, pela sua severidade para com os poderosos e, sobretudo, por ter sido vítima dos sacerdotes, pelo menos dos mais altos na hierarquia, e por ter sido executado pelo poder e pelo seu aparelho de repressão.»

Mas, sem que Frossard tivesse mérito algum, porque Deus quis, e por nenhuma outra razão, teve a felicidade de receber o dom da conversão. Não procurava Deus. Encontrou-o: «Sobrenaturalmente, sei a verdade sobre a mais disputada das causas e o mais antigo dos processos: Deus existe. Eu encontrei-o.

Encontrei-o fortuitamente. Diria que por acaso, se o acaso tivesse lugar nesta espécie de aventura. Foi com o espanto de um transeunte que, ao virar uma esquina em Paris, visse, em vez da praça ou do cruzamento de sempre, um mar a bater contra a base dos edifícios e a estender-se diante dele até ao infinito.

Foi um instante de espanto que ainda dura. Nunca me habituei à existência de Deus.

Entrei, às cinco e dez da tarde, numa capela do Bairro Latino à procura de um amigo e saí às cinco e um quarto na companhia de uma amizade que não era da terra.

Entrei ali cético e ateu de extrema-esquerda e, mais do que cético, mais ainda do que ateu, indiferente e ocupado com coisas bem diferentes de um Deus que nem sequer tinha intenção de negar. A tal ponto me parecia que, havia muito tempo, já fora lançado na conta de perdas e ganhos da inquietação e da ignorância humanas. Poucos minutos depois, voltei a sair "católico, apostólico, romano", levado, erguido, acolhido e arrebatado pela onda de uma alegria inesgotável.

Ao entrar, tinha vinte anos. Ao sair, era uma criança, pronta para o batismo, que olhava à sua volta, de olhos arregalados, para aquele céu habitado, para aquela cidade que não se sabia suspensa no ar, para aqueles seres que, em pleno sol, pareciam caminhar na escuridão, sem ver o rasgão imenso que acabava de se abrir no toldo do mundo. Os meus sentimentos, as minhas paisagens interiores, as construções intelectuais em que me tinha instalado comodamente já não existiam. Os meus próprios hábitos tinham desaparecido e os meus gostos tinham mudado.

Sei bem o que uma conversão desta natureza, pelo seu caráter imprevisto, pode ter de chocante e até de inadmissível para os espíritos do nosso tempo, que preferem os percursos intelectuais aos arrebatamentos místicos e apreciam cada vez menos as intervenções do divino na vida quotidiana. No entanto, por muito que deseje pôr-me de acordo com o espírito do meu tempo, não posso apontar as etapas de um processo lento onde houve uma transformação brusca. Não posso dar as razões psicológicas, imediatas ou remotas, dessa mudança, porque essas razões não existem. É-me impossível descrever o caminho que me conduziu à fé, porque seguia por outro caminho qualquer e pensava noutra coisa qualquer quando caí numa espécie de emboscada. Não conto como cheguei ao catolicismo, mas como, sem me dirigir para ele, o encontrei. (…)

Nada me preparava para o que me aconteceu. Também a caridade divina tem os seus atos gratuitos. E, se tantas vezes me resigno a falar na primeira pessoa, é porque para mim é claro, como gostaria que desde já o fosse para vós, que não desempenhei papel algum na minha própria conversão. (…)

Aquele acontecimento havia de operar em mim uma revolução tão extraordinária, mudando num instante a minha maneira de ser, de ver e de sentir, transformando tão radicalmente o meu caráter e fazendo-me falar uma linguagem tão insólita, que a minha família ficou alarmada.

Julgaram-me enfeitiçado e acharam por bem mandar-me examinar por um médico amigo, ateu e bom socialista. Depois de conversar tranquilamente comigo e de me fazer algumas perguntas indiretas, pôde comunicar as suas conclusões ao meu pai. Era a "graça", disse ele, um efeito da "graça" e nada mais. Não havia motivo para preocupações.

Falava da graça como de uma doença estranha, com tais e tais sintomas facilmente reconhecíveis. Era uma doença grave? Não. A fé não atacava a razão. Havia remédio? Não. A doença evoluía por si mesma para a cura. A essas crises de misticismo, na idade em que eu fora atingido, costumavam bastar dois anos para passarem, sem deixarem lesões nem vestígios. Só era preciso ter paciência.

Tolerariam o meu capricho religioso desde que eu fosse discreto, tal como eles o seriam comigo. Pediram-me que me abstivesse de qualquer proselitismo junto da minha irmã mais nova. Apesar de tudo, ela viria a converter-se ao catolicismo, e também a minha mãe, bastantes anos depois dela.»

Frossard escreveu o livro da sua conversão, *Deus existe. Eu encontrei-o*, que recebeu em França o Grande Prémio de Literatura Católica, em 1969, e que viria a tornar-se um êxito de vendas mundial.

Em 1985, foi eleito membro da Academia e trabalhou na Comissão do Dicionário. Morreu em Paris em 1995, aos oitenta anos, depois de ter sido um dos intelectuais católicos franceses mais influentes do seu país no século XX.

André Frossard.
Deus existe. Eu encontrei-o.

A PARTIR DO VAZIO DE UM MUNDO OFICIALMENE ATEU

Tatiana Goritcheva

Tatiana Goritcheva nasceu em Leninegrado em 1947. Estudou filosofia e radiotecnia. Como ela própria explica no relato da sua conversão, a sua juventude foi um exemplo típico do que o sistema ateu soviético era capaz de produzir, talvez com a exceção de uma certa inquietação intelectual que os estudos de filosofia lhe tinham despertado. Aos 26 anos, converteu-se ao cristianismo. «Se alguém me perguntar», conta ela, «o que significa para mim o regresso a Deus, o que essa conversão me revelou e como mudou a minha vida, posso responder-lhe com toda a simplicidade, em poucas palavras: significa tudo. Tudo mudou em mim e à minha volta. E, para o dizer com ainda maior precisão, a minha vida só começou depois de eu ter encontrado Deus.» Poucos anos depois, em 1984, pôs por escrito o relato da sua conversão.

De parte nenhuma para lado nenhum

«Para quem cresceu em países ocidentais, isto não é fácil de entender. Essas pessoas nasceram num mundo de tradições e normas, embora já não se possam considerar inteiramente estáveis. Puderam crescer de uma maneira "normal", lendo os livros que quiseram, escolhendo os amigos e seguindo a carreira que preferiram. Puderam viajar para qualquer país. Ou puderam retirar-se do mundo para cuidar com amor da família, recolher-se num mosteiro ou dedicar-se à ciência, escolhendo para isso o melhor lugar. Eu, pelo contrário, nasci num país onde os valores da cultura, da religião e da moral foram deliberadamente arrancados pela raiz, e com êxito. Não venho de parte nenhuma nem vou para lado nenhum. Não tenho raízes e tive de caminhar para um futuro vazio e absurdo.

Eu odiava tudo

Quando eu era adolescente, uma amiga minha tirou a própria vida aos quinze anos, porque não conseguiu suportar o que a rodeava. Deixou um bilhete que dizia: "Sou uma pessoa muito má." E, no entanto, era uma

rapariga de coração extraordinariamente puro, que não suportava a mentira e nunca fora capaz de mentir a si mesma. Aquela rapariga tirou a própria vida ao descobrir que não vivia como devia e porque, de algum modo, precisava de romper o vazio que a rodeava e encontrar a luz. Mas não encontrou o verdadeiro caminho… Hoje, vinte anos depois da sua morte, posso dizer o mesmo em linguagem cristã. A minha amiga tinha descoberto a sua condição de pecadora. Tinha descoberto uma verdade fundamental: que o homem é fraco e imperfeito. Mas não chegou a conhecer a outra verdade, ainda mais importante: que Deus pode salvar o homem, arrancá-lo à sua condição de homem caído e tirá-lo das trevas mais impenetráveis. Ninguém lhe tinha falado dessa esperança, e morreu esmagada pelo desespero.

Quanto a mim, não me podia comparar com a minha amiga nos seus dons espirituais. Vivia como um pequeno animal encurralado e furioso, sem nunca me endireitar nem levantar a cabeça, sem sequer tentar compreender ou decidir fosse o que fosse. Nas redações da escola escrevia, como mandava a regra, que amava a minha pátria, Lenine e a minha mãe, mas isso era pura e simplesmente mentira. Desde criança, odiei tudo o que me rodeava. Odiava as pessoas com as suas minúsculas preocupações e angústias. Mais do que isso, causavam-me repulsa. Odiava os meus pais, que em nada se distinguiam de todos os outros e que se tinham tornado meus pais por puro acaso. Oh, sim, enlouquecia de raiva ao pensar que me tinham trazido ao mundo sem que eu o tivesse desejado, de uma maneira completamente absurda. Odiava até a natureza, com o seu ritmo eternamente repetido e enfadonho: verão, outono, inverno… Só amava a solidão absoluta.

Mais tarde, quando aprendi a ler, entrincheirava-me atrás dos livros… Só neles se vive sem angústia, sem ser posto de lado, sem enganos nem atropelos. Só nos livros se escapa a uma mentira permanente…

O desprezo que alimentava dentro de mim não me impedia, contudo, de passar por uma menina tranquila e bem-sucedida, que se distinguia sempre pelos seus feitos, elogiada pelos professores e querida pelos colegas. Naturalmente, eu não me dava conta de como era incoerente a minha conduta. A minha razão e a minha consciência calavam-se.

E na escola, como é natural, só se fomentavam as qualidades exteriores e "combativas". Isso reforçou ainda mais o meu orgulho, que floresceu plenamente. O meu objetivo passou então a ser mais inteligente, mais capaz e mais forte do que os outros. Mas ninguém me disse alguma vez que o valor supremo da vida não está em superar os outros, em vencê-los, mas em amá-los. Amar até à morte, como só o Filho do Homem o tinha feito, e nós ainda não o conhecíamos.

É sabido que a minha geração deu muitíssimos seguidores a Nietzsche. Li Nietzsche aos dezanove anos (ao passo que só li o Evangelho aos vinte e seis) e gostei logo muito dele, como também gostei de Sartre, de Camus, de Heidegger e da filosofia existencialista, tão rebelde e tão próxima de nós. Nos anos da liberalização, eram autores em parte tolerados, cujas traduções começaram a circular. Para nós, o existencialismo foi o primeiro sorvo de liberdade, a primeira palavra sincera que não era proibida…

De resto, vale a pena notar que os nossos caminhos, o do Ocidente e o do Oriente, depressa se separaram. A juventude ocidental viveu os acontecimentos de 1968, seguiu o caminho de uma "politização" cada vez maior da consciência e entusiasmou-se com o marxismo… Nós, pelo contrário, fomos mais fundo e descobrimos os valores imperecíveis da cultura, da história e da ética. E acabámos por nos familiarizar com Deus e com a Igreja… Assim, a nossa libertação começou com a descoberta do pensamento livre do Ocidente. E é curioso que, quando entrámos em contacto com o mundo vasto e maravilhoso do pensamento cristão, não mandámos para o diabo o ímpio Sartre nem o orgulhoso Camus. Apesar de toda a sua hostilidade à religião, Sartre conseguiu levar-nos até à fronteira do desespero, onde começa a fé. A sua ideia central, a de que o homem tem de tomar uma decisão livre a cada segundo da sua existência, é, de facto, uma ideia cristã. Porque a Deus agrada o amor que o homem lhe dá de livre vontade e, por respeito pela liberdade das nossas decisões, Deus não aniquila o mal no mundo.

Mas não nos adiantemos

Para mim, existencialista convicta e raivosa, o cristianismo não existiu durante muito tempo. Para quê voltar aos velhos mitos? Mas na minha vida ia-se acentuando a tendência para um orgulho cada vez maior e para uma autodestruição cada vez mais profunda. Na linha de Nietzsche, tinha-me por uma aristocrata do espírito, isto é, por uma pessoa "forte", capaz de conduzir e moldar a própria vida por decisão da minha livre vontade. As pessoas "fracas" e vulgares, sem "nada" com que enfrentar esse desafio, fogem ao absurdo e à falta de sentido da existência, refugiando-se umas na família, outras na política ou na carreira. Oh, como eu os odiava a todos! E como entendia bem o que era "escravizar" os seres humanos, para logo verificar, com malícia, que todos, homens e mulheres, amam a escravidão e até a procuram.

Deixei de mentir

Nessa altura, já aspirava a uma vida "íntegra" e coerente. Sentia-me filósofa e deixei de me enganar a mim mesma e aos outros. A verdade, amarga, terrível e triste, estava para mim acima de tudo o resto. Apesar disso, a minha existência continuava tão dilacerada e contraditória como antes. Tinha um gosto persistente pelo contraste e pelo absurdo, pelos imponderáveis da vida. Cultivava também em mim o esteticismo. Por exemplo, gostava muito de ser uma aluna "brilhante" e, com o orgulho de quem frequentava a Faculdade de Filosofia, convivia com intelectuais de espírito subtil, assistia a conferências e colóquios científicos, fazia observações irónicas e só me dava por satisfeita com o melhor no plano intelectual. À tarde e à noite, pelo contrário, andava na companhia de marginalizados e de gente das camadas mais baixas da sociedade, ladrões, alienados e toxicodependentes. Aquele ambiente sujo encantava-me. Embebedávamo-nos em tabernas e águas-furtadas. Às vezes, alugávamos uma casa só para passar o tempo, tomar uma chávena de café e depois desaparecer.

Só um homem tentou, uma vez, pôr-me um travão. Com toda a justiça, devo chamar-lhe o meu primeiro mestre. Foi o nosso professor Boris Míchailowitsch Paramonov. Era docente temporário na Faculdade de Filosofia e não pôde lá ficar muito tempo. Entretanto, emigrou e vive na América. Uma vez disse-me:

— Tania, porque tenta destruir tudo? Não compreende que esse prazer de destruir sempre foi a miséria do pensamento russo? Veja que vivemos num mundo em que o niilismo já triunfou por completo. Basta ir a um mercado soviético para só encontrar bancas vazias. Não há nada do que devia haver num mercado. Em vez disso, por toda a parte só se veem letreiros a vermelho que dizem “Avante para a vitória do comunismo!”, “Um passo em frente e dois atrás. Lenine”, etc. Aí tem o seu tão acarinhado absurdo. Os bolcheviques já o criaram. Por completo. Que mais deseja acrescentar?

Aquelas palavras causaram-me então uma impressão profunda. Mas, naquela altura, nem Paramonov nem eu sabíamos como sair daquele círculo infernal e criar vida em vez de a destruir.

Também não encontrei uma saída no meu entusiasmo pelas filosofias orientais e pelo ioga, a que me dedicava depois das horas de estudo. O ioga apenas me abriu o acesso ao mundo do absoluto, permitindo ao meu olhar espiritual perceber uma nova dimensão vertical da existência e destruindo o meu orgulho intelectual. Mas o ioga não pôde libertar-me de mim mesma. Tinha um certo caráter científico que nos atraía muito: com a ajuda de exercícios e pelo conhecimento de determinadas “forças astrais e mentais”, podia-se visar direta e conscientemente o super-homem.

Mas porquê e para quê? Cada um respondia a esta pergunta como lhe apetecia. Eu queria, naturalmente, tornar-me uma deusa. Queria ser a mais inteligente e a mais forte. Desejava fundir-me com o absoluto e mergulhar na felicidade eterna. Agora tinha de lutar contra certos sentimentos negativos, como o ódio e a irritabilidade, porque sabia muito bem que “consomem energia” e me arrastam para um plano mais baixo da existência. Mas o vazio, que desde havia muito era o meu destino e me rodeava sem cessar, ainda não tinha sido vencido. Pelo contrário, tornava-se cada vez maior, transformava-se em algo de místico e ameaçador que me angustiava até à loucura.

Invadiu-me então uma melancolia sem limites. Atormentavam-me angústias incompreensíveis e frias, de que não conseguia livrar-me. Parecia-me que estava a enlouquecer. Já nem sequer tinha vontade de continuar a viver.

Quantos dos meus amigos de então foram vítimas daquele vazio horroroso e se suicidaram? Outros tornaram-se alcoólicos. Alguns estão internados em instituições psiquiátricas… Tudo parecia indicar que já não tínhamos esperança alguma na vida.

O meu segundo nascimento

Mas o vento, que é o Espírito Santo, sopra onde quer. Cansada e desiludida, fazia os meus exercícios de ioga e repetia os *mantras*. Até àquele instante, nunca tinha pronunciado uma oração e, na verdade, não conhecia nenhuma. Mas o livro de ioga propunha como exercício uma oração cristã, concretamente o Pai-Nosso. Precisamente a oração que Nosso Senhor tinha recitado em pessoa! Comecei a repeti-la mentalmente como um *mantra*, de maneira inexpressiva e automática. Disse-a umas seis vezes e, de repente, senti-me completamente transtornada. Compreendi, com todo o meu ser e não com a minha ridícula inteligência, que Ele existe. Ele, o Deus vivo e pessoal, que me ama e ama todas as criaturas, que criou o mundo, que se fez homem por amor, o Deus crucificado e ressuscitado!

Naquele instante, compreendi e apreendi o "mistério" do cristianismo, a vida nova e verdadeira. Naquele momento, tudo mudou em mim. O homem velho tinha morrido. Deixei para trás os meus antigos juízos e ideais, e também os velhos hábitos.

Por fim, abriu-se também o meu coração. Comecei a amar as pessoas. Logo depois da minha conversão, todas as pessoas me apareceram, muito simplesmente, como admiráveis habitantes do céu, e eu estava impaciente por fazer o bem e servir a Deus e aos homens.

Que alegria e que luz esplendorosa brotaram então no meu coração! O mundo transformou-se, para mim, no manto régio e pontifical do Senhor. Como é que até então eu não tinha dado por isso?

Foi assim que a minha vida recomeçou. A minha redenção era algo de perfeitamente concreto e real. Tinha chegado de repente, embora eu a desejasse havia muito tempo, e só o Espírito Santo a pôde realizar em mim, porque só Ele pode criar uma "nova criatura" e reconciliá-la com o Eterno.

Só por Ele e pela sua graça se pode resolver o conflito central da personalidade humana, o conflito entre liberdade e obediência.»

T. Goritcheva.
***Falar de Deus é perigoso*.**

O REI DO ABORTO

Bernard Nathanson

Para se compreender devidamente a vida de Bernard Nathanson, a quem chamaram «o rei do aborto», e o seu momento decisivo, a conversão, é preciso conhecer um pouco do seu ambiente familiar.

O pai, o doutor Joey Nathanson, de religião judaica, foi um prestigiado médico especializado em ginecologia. O ambiente cético e liberal da universidade levou-o a renunciar à fé. O seu casamento com Harriet Dover, mãe de Bernard, também judia, foi um fracasso. Antes do casamento, Joey quis romper o noivado, mas a noiva ameaçou suicidar-se, provocando assim um escândalo que, sem dúvida, arruinaria a sua brilhante carreira profissional. Casaram-se. Pelo menos, o dote de Harriet era um incentivo para Joey ceder. Mas, mesmo com a intervenção de um juiz, só conseguiu que os Dover entregassem metade do que tinham prometido. O ambiente em casa era insuportável. «Havia demasiada maldade, conflitos, desejo de vingança e ódio na casa onde cresci», diria Bernard.

Tanto na profissão como na vida pessoal, Bernard Nathanson seguiu, durante boa parte da vida, os passos do pai. Estudou medicina na *Universidade McGill* (Montreal) e, em 1945, apaixonou-se por Ruth, uma jovem judia e bonita. Viviam juntos aos fins de semana e falavam em casar-se… até que Ruth engravidou. Bernard escreveu ao pai para lhe pedir conselho sobre a possibilidade de se casar. A resposta foram cinco notas de cem dólares, acompanhadas da recomendação de que escolhesse entre o aborto e a ida para os Estados Unidos para se casar. Bernard pôs, então, a carreira em primeiro lugar e convenceu Ruth a abortar.

«Chorámos os dois pela criança que íamos perder e pelo nosso amor, que sabíamos que ficaria irremediavelmente ferido pelo que íamos fazer.» Não a acompanhou à intervenção. Ruth voltou sozinha para casa, de táxi, com uma forte hemorragia, e esteve à beira da morte. Quem lhe tinha feito o aborto era um incompetente. Recuperou milagrosamente, mas não tardaram a separar-se. «Este foi o primeiro dos meus 75 000 encontros com

o aborto e serviu-me de iniciação ao mundo satânico do aborto», confessa o doutor Nathanson.

Depois de se licenciar, Bernard começou o internato médico num hospital judeu. Passou depois para o Hospital de Mulheres de Nova Iorque, onde sofreu na pele a violência do antissemitismo e entrou em contacto com o mundo do aborto clandestino. Por essa altura, já se tinha casado com uma jovem judia, tão superficial como ele, segundo viria a confessar. A união durou apenas quatro anos e meio e terminou com um divórcio no México. Foi então que conheceu Larry Lader. Aquele médico estava obcecado com uma única ideia: conseguir que a lei permitisse o aborto livre e barato! Para isso, fundou, em 1969, a *Liga de Ação Nacional pelo Direito ao Aborto*, uma associação que procurava responsabilizar a Igreja por cada morte ocorrida em abortos clandestinos.

Foi em 1971 que Nathanson se envolveu mais diretamente na prática de abortos. As primeiras clínicas de aborto de Nova Iorque começavam a explorar o negócio da morte programada e, em muitos casos, o pessoal não tinha licença do Estado ou faltavam garantias mínimas de segurança. Era o caso da clínica dirigida pelo doutor Harvey. As autoridades estavam prestes a encerrá-la quando alguém sugeriu que Nathanson assumisse a sua direção e se encarregasse do seu funcionamento. Havia um paradoxo incrível: enquanto esteve à frente da clínica, funcionava no mesmo local um serviço de ginecologia e obstetrícia, ou seja, assistiam-se partos normais ao mesmo tempo que se praticavam abortos. Por outro lado, Nathanson desenvolvia uma atividade intensa, dando conferências e reunindo-se com políticos e governantes de todo o país, pressionando-os para que a lei do aborto fosse alargada.

«Andava muito ocupado. Mal via a minha família. Tinha um filho pequeno e uma mulher, mas quase nunca estava em casa. Lamento amargamente esses anos, nem que seja por não ter visto o meu filho crescer. Também era um pária na profissão médica. Era conhecido como o rei do aborto.» Nathanson realizou, nesse período, mais de 60 000 abortos. No fim de 1972, esgotado, demitiu-se do cargo na clínica. «Fiz abortar», diria, «os filhos por nascer de amigos, colegas, conhecidos e até de professores.»

Chegou mesmo a abortar o seu próprio filho. «Em meados dos anos sessenta, engravidei uma mulher que gostava muito de mim.» (…) Ela queria levar a gravidez por diante, mas ele recusou-se. «Como eu era um dos especialistas na matéria, expliquei-lhe que faria eu próprio o aborto. E assim fiz.»

A partir daí, porém, as coisas começaram a mudar. Deixou a clínica de abortos e passou a chefiar o serviço de obstetrícia do Hospital *St. Luke's*. Uma nova tecnologia, a dos ultrassons, começava a ser usada na medicina. No dia em que Nathanson pôde observar o coração do feto nos monitores eletrónicos, começou a perguntar-se, pela primeira vez, «o que estávamos realmente a fazer na clínica».

Decidiu reconhecer o seu erro. Escreveu na revista médica *The New England Journal of Medicine* um artigo sobre a sua experiência com os ultrassons, em que reconhecia que existia vida humana no feto. O artigo incluía afirmações como esta: «O aborto deve ser visto como a interrupção de um processo que, de outro modo, teria produzido um cidadão do mundo. Negar esta realidade é a mais grosseira forma de evasão moral.» O artigo provocou uma forte reação. Nathanson e a família chegaram a receber ameaças de morte. Mas impôs-se-lhe a evidência de que não podia continuar a praticar abortos. «Tinha chegado à conclusão de que nunca havia razão alguma para abortar: o aborto é um crime.»

Pouco depois, uma nova experiência com ultrassons forneceu material para um documentário que encheu o mundo de admiração e horror. Intitula-se *O grito silencioso*. Aconteceu em 1984: «Disse a um amigo que praticava quinze, talvez vinte abortos por dia: "Ouve, Jay, faz-me um favor. No próximo sábado, põe um aparelho de ultrassons sobre a mãe e grava-me a intervenção." Ele assim fez e, quando viu as gravações comigo, ficou tão abalado que nunca mais voltou a fazer um aborto. As gravações eram impressionantes, embora a qualidade não fosse muito boa. Escolhi a melhor e comecei a projetá-la nos meus encontros pró-vida por todo o país.»

Faltava ainda percorrer o caminho de regresso a Deus. Uma primeira ajuda veio de um professor universitário que admirava, o psiquiatra Karl Stern. «Transmitia uma serenidade e uma segurança indefiníveis», observa Nathanson. «Na altura, eu não sabia que, em 1943, depois de longos anos

de meditação, leitura e estudo, se tinha convertido ao catolicismo. Stern possuía um segredo que eu procurara durante toda a vida: o segredo da paz de Cristo.»

O movimento pró-vida tinha-lhe dado o primeiro testemunho vivo da fé e do amor de Deus. Em 1989, assistiu a uma ação da *Operação Resgate* nos arredores de uma clínica. Comoveu-o o ambiente entre os que ali se manifestavam pacificamente a favor da vida dos que ainda não tinham nascido. Estavam serenos e contentes, cantavam, rezavam… Os próprios jornalistas que cobriam o acontecimento e os polícias que vigiavam o local estavam admirados com a atitude daquelas pessoas. Nathanson ficou impressionado «e, pela primeira vez em toda a minha vida adulta», diz ele, «comecei a considerar seriamente a ideia de Deus, um Deus que tinha permitido que eu percorresse todos os proverbiais círculos do inferno, para me ensinar, pela sua graça, o caminho da redenção e da misericórdia.»

«Durante dez anos, passei por um período de transição.» Sentia que o peso dos abortos que fizera se tornava mais penoso e persistente. «Acordava todos os dias às quatro ou às cinco da manhã, a olhar para a escuridão, à espera, embora ainda sem rezar, de que se iluminasse uma mensagem que me declarasse inocente perante um júri invisível.» Acabou por ler as *Confissões*, que considerava um «alimento de primeira necessidade». Era o livro que mais lia, porque «Santo Agostinho falava, da maneira mais completa, do meu tormento existencial. Mas eu não tinha uma Santa Mónica que me mostrasse o caminho e via-me assediado por um desespero sombrio que não abrandava.»

Nessa situação, não faltou a tentação do suicídio, mas, felizmente, decidiu procurar outra solução. Nada do que tentara resultava. «Quando escrevo isto, já passei por tudo: álcool, tranquilizantes, livros sobre autoestima, conselheiros. Até me dei ao luxo de fazer quatro anos de psicanálise.»

O espírito que animava aquela manifestação pró-vida deu rumo à sua procura. Começou a conversar regularmente com um sacerdote católico, o padre John McCloskey. Custava-lhe acreditar, mas permanecer no agnosticismo levava-o ao abismo. Aos poucos, descobria-se acompanhado por Alguém para quem contava cada segundo da sua existência: «Já não

estou só. O meu destino tem sido andar pelo mundo à procura daquele sem o qual estou condenado, mas a quem agora me agarro desesperadamente, procurando não largar a orla do seu manto.»

Por fim, a 9 de dezembro de 1996, às sete e meia, numa segunda-feira, solenidade da Imaculada Conceição, na cripta da Catedral de São Patrício, em Nova Iorque, o doutor Nathanson tornava-se filho de Deus. Passava a fazer parte do Corpo Místico de Cristo, a sua Igreja. O cardeal John O'Connor administrou-lhe os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia.

Uma testemunha descreve assim esse momento: «Esta semana, senti com uma evidência nova e poderosa que o Salvador que nasceu há dois mil anos num estábulo continua a transformar o mundo. Na segunda-feira passada, fui convidado para um Batismo. (…) Vi Nathanson caminhar para o altar. Que momento! Tal como no primeiro século… um judeu convertido a caminhar pelas catacumbas para encontrar Cristo. E a sua madrinha era Joan Andrews. Não faltam ironias. Joan é uma das mais destacadas e conhecidas defensoras do movimento pró-vida… A cena ardia-me por dentro, porque mesmo por cima do cardeal O'Connor havia uma Cruz… Olhei para a Cruz e dei-me novamente conta de que é verdade o que o Evangelho ensina: a vitória está em Cristo.»

As palavras de Bernard Nathanson, no fim da cerimónia, foram breves e diretas. «Não consigo exprimir o quanto estou agradecido, nem a dívida que jamais poderei pagar a todos os que rezaram por mim durante todos os anos em que me proclamava publicamente ateu. Rezaram por mim com teimosia e amor. Estou plenamente convencido de que as suas orações foram ouvidas. Conseguiram trazer lágrimas aos meus olhos.»

Bernard Nathanson.
A mão de Deus

DOUTOR O MEU FILHO TEM UM SINTOMA GRAVÍSSIMO: DESCOBRI QUE VAI À MISSA

Vittorio Messori

Vittorio Messori, jornalista italiano de 56 anos, é conhecido internacionalmente por ter entrevistado João Paulo II em *Atravessar o limiar da esperança* e o cardeal Ratzinger em *Relatório sobre a fé*. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, não foi propriamente um «católico de toda a vida».

«Nasci em plena Guerra Mundial, naquela que era talvez a região mais anticlerical da Europa: a Emília, zona do antigo Estado Pontifício, a terra de Dom Camilo e Peppone, o padre da aldeia e o presidente comunista da câmara, personagens de Guareschi. Os meus pais não estavam propriamente do lado de Dom Camilo e, embora vivessem de facto valores como a abertura, o acolhimento e a generosidade, incutiram-me desde pequeno aversão ao clero e à Igreja institucional, e não ao Evangelho ou ao cristianismo. Batizaram-me como se se tratasse de uma espécie de rito supersticioso e sociológico, mas depois não tive contacto algum com a Igreja.

Acabada a guerra, os meus pais mudaram-se para Turim, a maior cidade industrial italiana, berço do marxismo italiano, o de Gramsci, Togliatti e outros dirigentes comunistas, e onde os católicos há muito são uma minoria. Frequentei ali uma escola pública, onde só se falava de religião para nos incutir um desprezo teórico por ela. Havia, é certo, uma aula semanal de ensino religioso, exigida pela Concordata, mas quase ninguém a levava a sério. Eu, por exemplo, arranjava as mais variadas desculpas para faltar. Ou seja, se já trazia de casa um anticlericalismo apaixonado, a escola veio reforçá-lo, ensinando-me a cultura do Iluminismo e do liberal-marxismo.»

Concluído o ensino secundário, escolheu o curso universitário de Ciências Políticas. Pertencia à famosa geração de 68 que fez da política a sua paixão. «Dizia o teólogo protestante Karl Barth que, “quando o céu se esvazia de Deus, a terra enche-se de ídolos”. Para mim, o céu estava vazio, e um dos ídolos que enchiam a terra era precisamente a política. Era para

mim uma verdadeira paixão. Estava muito empenhado nos partidos de esquerda.»

Com o tempo, deu-se conta de que a política não lhe podia dar as respostas sobre o sentido da vida. «No entanto, embora tivesse consciência dessas limitações da política, estava convencido de que não poderia encontrar respostas fora dela, precisamente porque fazia parte dos que rejeitavam o cristianismo sem se darem ao trabalho de o conhecer. Pensava que qualquer dimensão religiosa pertencia a um mundo passado, que um jovem moderno como eu não podia levar a sério. (…) O Evangelho era para mim um objeto desconhecido. Nunca o tinha aberto, embora o tivesse na minha biblioteca, porque achava, pura e simplesmente, que fazia parte do folclore oriental, do mito, da lenda.

Mas um dia aconteceu.… Chegamos a um ponto de que me custa falar… por pudor. André Frossard, meu colega e amigo, entrou um dia numa igreja católica em França e saiu de lá convertido. O meu percurso não foi tão espetacular. Mas também vivi uma experiência mística semelhante, menos imediata e repartida ao longo de dois meses. A minha descoberta da fé foi muito protestante. Foi um encontro direto com a figura misteriosa de Jesus, através das palavras gregas do Novo Testamento. Não vi luzes nem ouvi cânticos de anjos. Mas a leitura daquele texto, feita provavelmente num momento psicológico particular, foi algo que ainda hoje me deixa atónito. Mudou a minha vida, obrigando-me a reconhecer que ali havia um mistério ao qual valia a pena dedicar a vida.

A situação que se criou foi um verdadeiro drama para mim. Senti imediatamente um grande consolo, uma grande alegria, mas, ao mesmo tempo, um medo terrível, por vários motivos. Por um lado, dei-me conta de que a minha vida tinha de mudar, sobretudo na sua orientação intelectual. (…) O que particularmente me fazia sofrer era a possibilidade de a minha família me pôr fora de casa se soubesse do que me estava a acontecer. De facto, quando a minha mãe soube que eu ia à Missa às escondidas, telefonou ao médico e disse-lhe: “Venha, doutor. O meu filho sofre de uma forte depressão nervosa.” “Que sintomas tem?”, perguntou o médico. E a minha mãe respondeu-lhe: “Um sintoma gravíssimo: descobri que vai à

Missa.” Isto dá uma ideia do ambiente que se vivia na minha família e de quanto ele me podia afetar.

Outro elemento do drama era uma espécie de choque entre duas posições que eu via como opostas. Por um lado, alguma coisa me fazia ver que no Evangelho estava aquela verdade que eu tinha procurado. Tratava-se de viver o Evangelho como um “encontro”, e não apenas como palavra, valor, moral ou ética. Para mim, o Evangelho não é um livro, mas uma Pessoa. Era a experiência de um encontro fulgurante, consolador e, ao mesmo tempo, inquietante. Inquietante também porque então me senti como que atingido por uma espécie de “esquizofrenia”. Era a dissociação entre a intuição que me tinha feito compreender que ali, no Evangelho, estava a verdade, e a minha razão, que me dizia: “Não, é impossível, estás enganado.”

Desde então, tudo o que fiz e os muitos milhares de páginas que escrevi tiveram, no fundo, um único propósito: vencer essa esquizofrenia, procurando responder a esta pergunta: é possível acreditar, levar a fé a sério? Pode um homem de hoje apostar no Evangelho? Tudo girou em torno da fé, da própria possibilidade de acreditar.

Foi uma aventura solitária, pois sempre fui individualista, e nela tive Pascal por guia. Era um homem de há trezentos anos, também ele um leigo convertido, que raciocinava como eu, que não queria renunciar à razão e que, antes de se render à fé, queria esgotar todas as possibilidades. Ajudou-me a descobrir essa minha nova Atlântida. Falei de aventura solitária e do meu individualismo, mas também digo sempre que não sou um “católico do dissenso”. Pelo contrário, sou um “católico do consenso”. É que, na lógica da Encarnação, considero o Vaticano e a Igreja institucional legítimos. Mais ainda, considero a Igreja necessária, indispensável.

Quando decidi aceitar a Igreja? Quando, ao refletir sobre o Evangelho para procurar conhecer melhor a mensagem de Jesus, me dei conta de que o Deus de Jesus é um Deus que quis precisar dos homens, que não quis fazer tudo sozinho, mas quis confiar a sua mensagem e os sinais da sua graça, os sacramentos, a uma comunidade humana. Ou seja, se pensarmos bem, aceitamos a Igreja não porque a amamos, mas porque faz parte do projeto de Deus. Levei muitos anos a compreendê-lo, mas agora estou convencido

de que, sem a mediação de um grupo humano, no fundo não levaríamos a sério a mediação de Jesus.

A minha aventura foi também solitária porque eu era um dos poucos que andavam contra a corrente. Entrava na Igreja quando tantos clericais saíam dela a gritar: “Que maravilha, finalmente a terra prometida! Descobrimos a cultura laicista!” Eu, espantado, tentava travá-los: “Que estais a fazer? A verdadeira cultura está aqui dentro, na Igreja!”

Por isso, alguns acusaram-me de ser reacionário, de ser um nostálgico. É absurdo. Não conheci a Igreja pré-conciliar. Nunca ouvi uma Missa em latim, porque antes do Concílio nunca tinha ido à Missa e, quando comecei a ir, já era em italiano. Daí que não possa ser um nostálgico. Nostálgico de quê? Não tive uma infância nem uma juventude católicas. O que conheci de perto foi a cultura laicista. E depois houve um encontro misterioso e fulgurante com o Evangelho, com uma Pessoa, com Jesus Cristo, e, a seguir, com a Igreja.»

As citações são de uma entrevista de José R. Pérez Arangüena.